

MUNDO

Editor: LUCIANO PERES luciano.peres@zerohora.com.br 218-4345

Editora Assistente: ROSANE TORRES rosane.torres@zerohora.com.br 218-4346

Caracas

As eleições deste domingo na Venezuela prometem ser um passeio para o presidente-candidato Hugo Chávez. Se as pesquisas de intenção de voto forem confirmadas, esse líder que surgiu violentamente das fileiras militares com uma tentativa de golpe e ganhou a presidência em 1998, pelo voto, vencerá com facilidade seu principal adversário e ex-companheiro de armas, o ex-tenente-coronel Francisco Arias Cárdenas.

Durante toda a campanha para as eleições gerais, nas quais estarão em jogo 6.250 cargos eletivos, inclusive a presidência, Chávez manteve a liderança, apesar da grave crise econômica e social enfrentada pelo país. Chávez assumiu o poder em fevereiro de 1999.

— A população não vincula o presidente aos problemas do país, como desemprego e estagnação da economia — disse Luis Vicente León, diretor da empresa de Pesquisa Datanálisis, numa tentativa de explicar o paradoxo.

León acredita que existe uma vinculação emocional entre a população e o presidente que o mantém refratário às críticas da oposição e à crise econômica que paralisa a Venezuela. Na verdade, a força de Chávez está contida em seu discurso populista, que tem um alvo certo: os corações das classes D e E, que somam 86,4% dos 23 milhões de venezuelanos. É desse universo mais pobre que ele retira a maioria dos seus votos. Nem mesmo o adiamento das eleições (marcadas inicialmente para maio), por problemas técnicos, ameaçou a liderança de Chávez.

Só mesmo o poder de convencimento e o carisma do candidato podem explicar seu favoritismo para o pleito deste domingo. No país que tem uma das maiores reservas de petróleo do mundo, metade da população vive na pobreza, o desemprego chegou a 14,6% no primeiro trimestre do ano e o Produto Interno Bruto (PIB) sofreu uma queda de 7,2% no ano passado. Os índices da violência também são preocupantes: 60 seqüestros entre janeiro e julho e 61 assassinatos só em um fim de semana deste mês. O clima para as eleições, contudo, parece tranquilo. O governo promete segurança aos 11,7 milhões de venezuelanos habilitados a votar: foram mobilizados 65 mil militares para acompanhar a votação e 30 mil civis para orientar os eleitores que escolherão hoje, além do presidente, governadores, deputados, prefeitos e vereadores.

Depois de ter conseguido nas urnas, em 1998, o poder que não obteve com o levante militar seis anos antes, Chávez fez várias consultas populares para legitimar seu governo e alimentou na América Latina o temor de que estaria se valendo das urnas na tentativa de consolidar uma ditadura. Seus críticos afirmam que o presidente está concentrando poder demais em suas mãos.

A rigor, Chávez não precisaria disputar um novo mandato agora. Como a Assembleia Nacional Constituinte ampliou o mandato presidencial de cinco para seis anos, o próprio presidente achou melhor enfrentar as urnas para uma “relegitimação”. Chávez não esperava, no entanto, enfrentar um racha no seu reduto, o setor militar, e que seu principal adversário seria Arias, velho companheiro da tentativa de golpe de 1992. O presidente-candidato — um narcisista-histriônico de acordo com o perfil traçado por Maria J. Bustamante, doutora em psicologia de grande prestígio na Venezuela — conseguiu entrar em choque não só com os militares, mas com os empresários, a Igreja Católica e a imprensa.

Chávez se defende:

— Eles me mandam chumbo, eu respondo com chumbo.

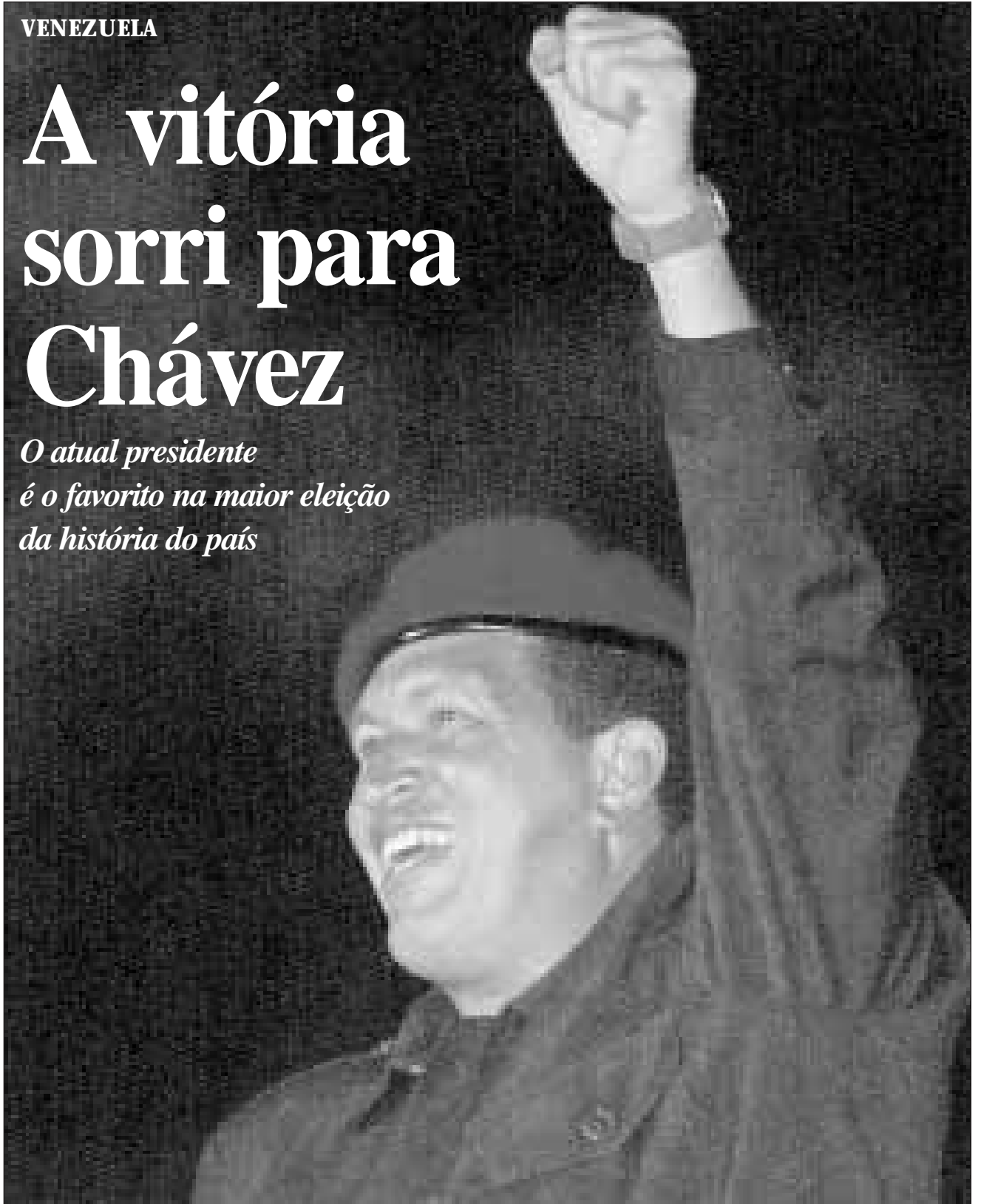
ONDE FICA



VENEZUELA

A vitória sorri para Chávez

O atual presidente é o favorito na maior eleição da história do país



Carisma: discurso populista de Chávez tem o poder de seduzir os pobres do país, que são 86,4% da população

GOVERNO CHÁVEZ

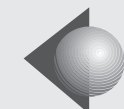
O presidente assumiu há 17 meses e entrou em choque com vários setores:

- Chávez desentendeu-se com o empresariado ao decretar um aumento de 20% para os trabalhadores da área privada
- O governo nega as acusações de ameaças e cerceamento da liberdade de imprensa
- Desde fevereiro de 1999, meio milhão de venezuelanos perdeu seus empregos e pouco mais de mil empresas faliram
- Os partidos foram virtualmente varridos do mapa político depois que Chávez, amparado pela nova Constituição, redigida ao seu gosto pela Assembleia Nacional Constituinte, dissolveu o Congresso.

OS CANDIDATOS



Francisco Arias



Partido:
Voluntários
com Arias

Idade: 50 anos
Família: casado, dois filhos
Profissão: militar reformado
Trajatória: participou da tentativa de golpe de Estado de 1992. Acusado de rebelião, ficou preso entre 1992 e 1994. Foi eleito governador do Estado de Zulia em 1995 e em 1998.



Hugo Chávez



Partido:
Movimento
5ª República

Idade: 46 anos
Família: casado, quatro filhos
Profissão: militar reformado
Trajatória: fundador do Movimento Revolucionário Bolivariano, líder de um golpe de Estado fracassado (fevereiro de 1992). Ficou preso entre 1992 e 1994, acusado de rebelião. Foi eleito presidente em 1998.

* Cláudio Fermín, um dissidente social-democrata, é o terceiro candidato à presidência da Venezuela